

Reseña bibliográfica

Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad.
N°31. Año 11. Diciembre 2019-Marzo 2020. Argentina. ISSN 1852-8759. pp. 102-105

Corpos, vivencias e emoções atravessados pelo trabalho digital em um capitalismo globalizado

Reseña del libro: SCRIBANO, Adrian. LISDERO, Pedro (editores). *Digital Labour, Society and the Politics of Sensibilities*. Palgrave Macmillan, 2019 (eBook).

Por *Julio Marinho Ferreira*. Universidade Federal de Pelotas, Brasil
juliomarferre@hotmail.com

Pedro Robertt, Universidade Federal de Pelotas, Brasil
probertt21@gmail.com

Os sociólogos Adrian Scribano e Pedro Lisdero organizaram um debate acerca das consequências de uma Sociedade 4.0 relacionadas ao trabalho (labour) e às sensibilidades. A obra *Digital Labour, Society and Politics of Sensibilities*, está dividida em dez capítulos, editados por Scribano e Lisdero, os que também participam como autores. O digital e o virtual, enquanto categorias pouco olhadas pela sociologia, colocam-se diante de uma discussão de caráter global, através de um conjunto de artigos que trazem olhares do Chile, dos Estados Unidos, da Argentina, da China e da Turquia. Os autores dos artigos, que na obra estão divididos em dois blocos: *Politics of Sensibilities and Society 4.0* e *Politics of Sensibilities and Digital Labour*, apresentam uma ampla gama de categorias analíticas e métodos de pesquisa, que têm no trabalho e seus desdobramentos – dentro de uma sociedade tecnológica e ultra-avançada (4.0) – um norte frutífero tanto para sociólogos quanto para pensadores sociais interessados nas novas formas de trabalho no mundo digital conectado.

A introdução, *Politics of Sensibilities, Society 4.0 and Digital Labour*, escrita por Scribano, discute os relevantes conceitos de Sociedade 4.0, trabalho digital e política das sensibilidades, que funcionam como guias de análise da obra. Scribano aponta

que tais conceitos estão interligados, em uma lógica presente na chamada Sociologia dos corpos e das emoções. O objetivo desse capítulo introdutório é entender as transformações da sociedade atual, e como os três conceitos de Sociedade 4.0, trabalho digital e políticas das sensibilidades são rearticulados em categorias amplas, apontando questões latentes e relevantes para o entendimento das novas formas de trabalho.

O segundo capítulo, que inaugura a primeira parte da obra, foi escrito por Scribano e Lisdero, e intitulado *Digital Gaze and Visual Experience*. Busca-se, aqui, fazer uma conexão entre pesquisa social, imagens e internet do ponto de vista de uma Sociologia das sensibilidades. Com a crítica a uma Economia Política do visual na Sociedade 4.0, os autores apresentam, em primeiro lugar, a discussão dos usos da imagem na internet, enquanto uma plataforma de alcance global, que diariamente produz milhões e milhões de assuntos a serem vistos e consumidos. Em segundo lugar, os autores explicitam como as estruturas global/local das práticas de conhecimentos produzem direcionamentos e padrões que precisam ser entendidos em suas raízes. Com isso, as políticas do “olhar” são apresentadas enquanto elementos críticos para a prática de pesquisa, já que a experiência

do visual tenderia a melhorar o entendimento e a percepção de um tipo de “visual on-line”. E por último, surgem as implicações dessa economia política, que emersas dos modos de “olhar” e de consumir impõem uma relação interessante para os estudos sociológicos do ver-sentir-olhar, dentro dos contextos estruturais do digital.

No terceiro capítulo *Work and Sensibilities: Commodification and Processes of Expropriation Around Digital Labour*, novamente assinados por Scribano e Lisdero, tem-se a noção de trabalho digital, aliada aos estudos críticos de comunicação, pondo em cheque o trabalho (labour). Com isso, apresenta-se uma metamorfose, oriunda das relações sociais alteradas por uma sociedade altamente tecnológica (Sociedade 4.0), que produz uma latência de consumo constante. A associação entre a sociologia dos corpos e das emoções junto com o trabalho digital permite visualizar uma miríade de debates teóricos, que precisam ser redefinidos. É mediante estes argumentos que Scribano e Lisdero apontam para o entendimento da relação entre uma tecnologia de ponta (Internet e computadores) enquanto mediadores sociais e não apenas como um elemento dominador e definidor. A expansão das Tecnologias de Comunicação e Informação (TIC's), que o artigo se propõe discutir, teria na reconfiguração da política dos sentidos (olhar, ver, observar, tocar, etc.) um importante aspecto a ser analisado. Com isso, os trabalhadores nessas indústrias de TIC's apresentam, com base em testemunhos e gravações etnográficas virtuais, uma importante virtualização dos corpos, como um elemento gerador de subjetividades que afetariam a produção e o trabalho em seu sentido emocional.

O quarto capítulo, *Location and Data Visualisation Culture in Chile*, escrito por Francisco Osorio, observa o Chile com base no modelo atual de tecnologia digital, o qual realocou os espaços e apresentou uma nova perspectiva a partir da massificação das ferramentas de geolocalização, principalmente o *Google Maps*. Os impactos sociais do uso dessas tecnologias, no contexto chileno, afetaram o urbano, no que diz respeito à noção e à percepção do espaço a ser ocupado pelos indivíduos, que fazendo um uso massivo das interfaces de localização, acabariam por ser controlados e vigiados, e aceitariam essas ações com naturalidade. Nesse sentido, Osorio percebe que desde o transporte público até os atos de caminhar, de pescar e acompanhar os filhos até as escolas, com o auxílio do GPS, são todos feitos a partir

dos aplicativos de geolocalização e mobilidade. Com isso, o autor busca entender as consequências dessas mudanças espaciais e da noção de espaço urbano, para os chilenos.

No quinto capítulo, *Borders and Archives Under the New Condition of Digital Visuality*, de Sergio Martínez Luna, dispositivos digitais de vigilância e controle são analisados partindo da metáfora da “fronteira”, que sinaliza barreiras físicas, culturais e econômicas, acabando por ser usada como uma analogia para a divisão entre o espaço físico (real) e o tecnológico (digital). Dessa forma, para Martínez Luna, as identidades são reconfiguradas como interfaces e se tornam fronteiras no digital, promovendo relações entre essas mesmas fronteiras (imaginadas ou não) com a visibilidade, e retomando e fortalecendo as identidades. Para Martínez Luna, os efeitos sobre os corpos (físicos) do compartilhamento de arquivos, que incluem e excluem, poderiam estar relacionados com a questão da vigilância e da mobilidade na Sociedade 4.0, além de promover uma exposição que transformaria os agentes em clientes de tudo, afetando sua relação com o “outro”.

O sexto capítulo, *The Society 4.0, Internet, Tourism and The War on Terror*, de Maximiliano E. Korstanje aborda o evento do 11/09 nos Estados Unidos, que para muitos teóricos sociais e críticos da modernidade representou o fim de uma era e o início de uma outra, potencializando e alterando a geopolítica global. Korstanje observa a relação entre o terrorismo e a mídia, sua veiculação constante, sua difusão para um público consumidor acrítico, particularmente no governo de George W. Bush, fazendo parte da reconfiguração da tecnologia extrema da Sociedade 4.0. Com Slavoj Žižek, o evento do 9/11 não apenas fundou, mas fez o Ocidente acordar. Os riscos de uma inerente virtualização da vida são, para Korstanje, o que Žižek chamou de “o deserto do real”, e esse deserto é uma maneira pessimista de perceber o mundo tecnológico.

O sétimo capítulo, que inicia a segunda parte da obra, *Labour, Body, and Social Conflict: “The Digital Smile” and the Emotional Work in Call Centers*, foi escrito por Pedro Lisdero. O artigo apresenta cenários do novo mundo do trabalho, onde o que impera é a busca por produção de empatias (emoções) nos clientes, para potencializar novas formas de trabalho. Com isso, Lisdero traz a sociologia dos corpos e das emoções para entender como os conflitos e os processos de estruturação social envolvem elementos fundantes do trabalho emocional. Os Call Centers na

Argentina são analisados a partir de quatro eixos: a) as considerações teóricas, b) os processos de tornar o trabalho “inseguro” e precário, c) a potencialidade de ação coletiva dos corpos que trabalham, e d) o trabalho emocional (escravidão de almas), atores e mecanismos sociais–digitais e trabalho emocional.

No oitavo capítulo, “*Sharing Economy, Sharing Emotions*” in *The Society 4.0: A Study of The Consumption and Sensibilities in The Digital Era in China*, de Zhang Jingting, são analisadas as inovações tecnológicas que conectam o mundo, analisando o caso chinês. Para Jingting, a China como o maior investidor e usuário de tecnologias digitais, com o qualificativo de Global Digital Leaders, apresenta o sucesso do trabalho digital e da economia de compartilhamento, enquanto exemplo para o mundo ocidental. A China, com sua população de 1.3 bilhões de habitantes, a partir das noções de *He* (harmonia) e de *Tian Xia* (tudo o que está abaixo do paraíso) conseguiu adequar a tecnologia com as emoções. Os produtos compartilhados, como bikes, casas, etc., mostram a necessidade de uma Sociologia das emoções, já que o consumo na Sociedade 4.0 envolve inúmeras características, tais como a questão do virtual e do móvel e da busca por uma harmonia, que para Jingting, é uma herança cultural da China, na qual essa relação com o compartilhar é latente. Com isso, torna-se importante olhar para os trabalhos gerados por essa economia de compartilhamento e de vivências trocadas via tecnologias.

No penúltimo capítulo, *The Invisible Face of Digital Labour in Turkey: Working Conditions, Practices and Expectations*, de Mustafa Berkay Aydin e Çağdaş Ceyhan, é pesquisada a indústria do software na Turquia levando em consideração sua relevância global, já que movimenta a impressionante soma de 4.5 bilhões ao ano. A mão de obra qualificada turca, nesse setor industrial, envolve aspectos de conhecimento específico e de domínio de informação especializada, tornando relevante a pesquisa desses profissionais. As novas formas de trabalho com suas jornadas mais flexíveis parecem ter como referência a experiência do Vale do Silício. As perspectivas dos trabalhadores do setor, que Aydin e Ceyhan pesquisaram através de 14 entrevistas, nas cidades de Ancara e Istambul, tendem articular as condições de trabalho com os aspectos emocionais, bem como descortinar os prejuízos de desempenho nessas formas de trabalho.

Por último, o artigo *An Approach to Creative*

Work in the Global Economy of Risk and Uncertainty, de Juan A. Roche Cárcel traz uma reflexão acerca da criatividade, observada como uma nova ferramenta de trabalho, e sobre se esta seria (ou não) um elemento fundante para um novo capitalismo, além de representar uma saída para a crise do trabalho global. Dessa forma, o texto de Roche Cárcel se funda em perceber, nessa busca pelo trabalho criativo, um elemento de coesão social dentro de um modelo de globalização econômica, no qual os riscos e as incertezas se afirmam, a todo momento, como latências. O autor busca traçar, primeiramente, uma definição do que viria a ser o trabalho (clássico), em sua acepção ocidental negativa. Além disso, aprofunda nas suas características atuais, questionando como esse novo modelo globalizado e as novas formas de empregos tiveram no uso da criatividade uma forma de acréscimo de qualidade laboral, que alterou as formas de trabalhar. Com isso, seja a partir de novos modelos industriais ou seja a partir de cidades “inteligentes”, as formas colaborativas de trabalho tenderiam a apresentar soluções para a crise global, além de oferecer uma resposta à altura para uma sociedade tecnológica que reconfigurou as relações sociais em todas as suas formas, principalmente, a laboral.

O desafio dos organizadores e dos autores da obra precisa ser destacado. Trata-se de colocar em jogo, para diferentes situações empíricas e em diversos e distantes contextos empíricos, um conjunto de dispositivos conceituais que permitam captar com maior sutileza os processos pelos quais passam as sociedades contemporâneas, envolvendo o trabalho digital sob a lente de uma política das sensibilidades. Uma realidade global multifacetada é, então, registrada no decorrer dos diversos capítulos em que são analisados, em boa medida a partir de uma sociologia dos corpos e das emoções: os espaços laborais e urbanos, as tecnologias de informação e comunicação, a economia de compartilhamento, as identidades e suas fronteiras no mundo digital, a mídia e o terrorismo e os trabalhadores da indústria de software, entre outros. A produção e o trabalho aparecem impactados em seu sentido emocional; as identidades se reconfiguram e se tornam fronteiras digitais, o terrorismo e a mídia atingem novas configurações, trabalhadores de TICs veem virtualizando seus corpos com impactos emocionais nas suas subjetividades na produção e no trabalho; o espaço urbano surge como um lugar de controle e vigilância; a estruturação e a conflitualidade social

estão atravessadas pelo trabalho emocional; bem como indústria do software na Turquia e indústria de compartilhamento na China; a criatividade, por fim, aparece como uma saída possível para a crise do trabalho global.

Múltiplas reflexões podem ser extraídas a partir desta obra, coordenada por Adrian Scribano e Pedro Lisdero. Não obstante, gostaríamos de frisar que um dos seus maiores méritos reside em mostrar a necessidade imperiosa de examinar o capitalismo globalizado e digital, levando em conta a vivência e as emoções dos corpos, que tanto o tornam possível quanto são por ele impactados.

Citado. MORINHO FERREIRA, Julio y ROBERTT, Pedro (2019) "Corpos, vivencias e emoções atravessados pelo trabalho digital em um capitalismo globalizado" en Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad - RELACES, N°31. Año 11. Diciembre 2019-Marzo 2020. Córdoba. ISSN 18528759. pp. 102-105. Disponible en: <http://www.relaces.com.ar/index.php/relaces/article/view/683>.

Plazos. Recibido: 15/11/2019. Aceptado: 26/11/2019.